

Samuel Beckett

MOLLOY

tradução e prefácio:
Ana Helena Souza



EDITORA
GLOBO

ESTOU NO QUARTO de minha mãe. Sôu eu que moro lá agora. Não sei como cheguei lá. Numa ambulância talvez, num veículo qualquer certamente. Me ajudaram. Sozinho não teria chegado. Esse homem que vem toda semana, é talvez graças a ele que estou aqui. Ele diz que não. Me dá dinheiro e leva as folhas. Tantas folhas, tanto dinheiro. Sim, trabalho agora, um pouco como antigamente, só que não sei mais trabalhar. Isto não tem importância, ao que parece. Eu, eu gostaria agora de falar das coisas que me restam, me despedir, terminar de morrer. Eles não querem. Sim, eles são muitos, ao que parece. Mas é sempre o mesmo que vem. Fará isso mais tarde, ele diz. Bom. Não tenho mais muita vontade, vejam bem. Quando vem buscar as folhas novas, traz de volta as da semana anterior. Estão marcadas com sinais que não compreendo. Em todo caso, não releio. Quando não faço nada, não me dá nada, me repreende. No entanto, não trabalho por dinheiro. Por que então? Não sei. Não sei grande coisa, francamente. A morte de minha mãe, por exemplo. Já estava morta quando cheguei? Ou só morreu mais tarde? Quero dizer, morta de enterrar. Não sei. Talvez não a tenham enterrado ainda. Em todo caso, seu quarto agora é meu. Durmo na sua cama. Faço no seu vaso. Tomei o seu lugar. Devo me parecer com ela cada vez mais. Só me falta um filho. Tenho um em algum lugar, talvez.



Mas não acredito. Estaria velho agora, quase tanto quanto eu. Era uma empregadinha. Não era o verdadeiro amor. O verdadeiro amor foi com outra. Vocês vão ver. Não é que esqueci o nome dela de novo. Às vezes me parece até que conheci meu filho, que cuidei dele. Depois digo a mim mesmo que é impossível. É impossível que tenha conseguido cuidar de alguém. Esqueci a ortografia também, e a metade das palavras. Isto não tem importância, ao que parece. Pois é. É um sujeito engraçado, esse que vem me ver. Todos os domingos ele vem, ao que parece. Não está livre nos outros dias. Está sempre com sede. Foi ele que me disse que eu tinha começado mal, que era preciso começar de outro jeito. Eu, pois é. Comecei do começo, imaginem, como um velho idiota. Aqui está meu começo, o meu. Eles vão mantê-lo assim mesmo, se entenderem direito. Eu me dei trabalho. Aqui está. Me deu muito trabalho. Era o começo, vocês sabem. Enquanto agora é quase o fim. É melhor, o que faço agora? Não sei. Não se trata disso. Aqui está meu começo, o meu. Deve significar alguma coisa, já que eles o mantêm. Aqui está.

Desta vez, depois mais uma, eu penso, depois estará terminado, penso, com aquele mundo também. É o sentido do penúltimo. Tudo se esfuma. Mais um pouco e você fica cego. Está na cabeça. Ela não funciona mais, ela diz, Eu não funciono mais. Você fica mudo também e os ruídos enfraquecem. Mal se atravessa o limiar é assim. É a cabeça que deve estar cheia. De modo que você diz a si mesmo, Chegarei bem desta vez, depois mais uma, depois será tudo. É difícil formular este pensamento, pois é um pensamento, num certo sentido. Então você quer prestar atenção, considerar com atenção todas essas coisas obscuras, ao dizer a si mesmo, com dificuldade, que a culpa é sua. A culpa? É a palavra que se emprega. Mas que culpa? Não é o adeus, e que magia nessas coisas obscuras às quais será hora, quando pas-

sarem novamente, de dizer adeus. Pois é preciso dizer adeus, se for bobagem não dizer adeus, no momento certo. Se você pensa nos contornos à luz de antigamente é sem remorso. Mas você não pensa nisso, com que pensaria? Não sei. Passam pessoas também, das quais não é fácil se distinguir com clareza. Isso é que é desanimador. Foi assim que vi A e B irem lentamente um de encontro ao outro sem se darem conta do que faziam. Era numa estrada de uma nudez impressionante, quero dizer, sem sebes nem muros nem qualquer tipo de borda, no campo, pois em pastos imensos vacas mastigavam, deitadas e em pé, no silêncio do anoitecer. Estou inventando um pouco talvez, embelezando talvez, mas no geral era assim. Elas mastigam, depois engolem, então, depois de uma breve pausa, pegam sem esforço o próximo bocado. Um tendão do pescoço se mexe e as mandíbulas recommenam a moer. Mas isso talvez sejam lembranças. A estrada, dura e branca, sulcava as tenras pastagens, subia e descia ao sabor do terreno. A cidade não ficava longe. Eram dois homens, impossível haver engano, um pequeno e um grande. Tinham saído da cidade, primeiro um, depois o outro, e o primeiro, cansado ou se lembrando de uma obrigação, refazia seus passos. O ar estava frio, pois vestiam casacos. Pareciam-se, mas não mais que os outros. Uma grande distância os separava a princípio. Não teriam conseguido se ver, mesmo levantando a cabeça e se procurando com o olhar, por causa dessa grande distância, e também por causa da conformação do terreno, que fazia com que a estrada tivesse ondulações, pouco profundas mas o bastante, o bastante. Mas chegou o momento em que juntos desceram o mesmo vão e nesse vão finalmente se encontraram. Dizer que se conheciam, não, nada permite afirmá-lo. Mas ao som talvez dos seus passos, ou advertidos por um instinto obscuro qualquer, levantaram a cabeça e se observaram, durante uns bons quinze passos,

antes de pararem, um em frente ao outro. Sim, não se cruzaram, mas pararam, bem perto um do outro, como com frequência fazem, no campo, à noite, numa estrada deserta, dois caminhantes desconhecidos, sem que isso tenha nada de extraordinário. Mas eles se conheciam e acho que se reconhecerão, e se cumprimentarão, mesmo nas profundezas da cidade. Voltaram-se para o mar que, longe, ao leste, para além dos campos, se avolumava sob o céu esmaecido, e trocaram algumas palavras. Depois cada um retomou o seu caminho, A em direção à cidade, B através de regiões que parecia conhecer mal, ou de jeito nenhúm, pois avançava com o passo inseguro e parava com frequência para olhar ao redor, como alguém que procura fixar nã mente pontos de referência, pois um dia talvez seja preciso refazer seus passos, nunca se sabe. As colinas traiçoeiras por onde com pavor se aventurava, sem dúvida só as conhecia por tê-las visto de longe, da janela do seu quarto talvez, ou do topo de um monumento num dia de tristeza quando, não tendo nada de especial para fazer e buscando na altura um consolo, pagara seus três ou seis *pence* e subira penosamente a escada em caracol até a plataforma. Dali devia ver tudo, a planície, o mar, e depois até mesmo essas colinas que alguns chamam de montanhas, cor de anil em alguns lugares à luz do anoitecer, comprimindo-se umas por trás das outras a perder de vista, atravessadas por vales que não são vistos mas se adivinham, por causa da gradação dos tons e depois por causa de outros indícios intraduzíveis em palavras e até mesmo impensáveis. Mas não se adivinham todos, mesmo dessa altura, e com frequência lá onde se vê uma só encosta, um só cume, há na verdade dois, duas encostas, dois cumes, separados por um vale. Mas essas colinas, agora ele as conhece, quer dizer ele as conhece melhor, e se algum dia chegar a contemplá-las de novo de longe acho que será com outros olhos, e não ape-

nas isso mas o interior, todo esse espaço interior que não se vê nunca, o cérebro e o coração e as outras cavernas onde o sentimento e o pensamento fazem seu sabá, tudo isso disposto de forma bem diferente. Parece um velho e dá pena vê-lo ir sozinho depois de tantos anos, tantos dias e noites doados sem conta a esse rumor que se levanta no nascimento e até mesmo antes, a esse insaciável *Como fazer? Como fazer?*, ora baixo, um murmúrio, ora claro como o *E para beber?* de um maître, e com frequência se ampliando até chegar a um rugido. Para ir embora sozinho no fim das contas, ou quase, por caminhos desconhecidos, ao cair da noite, com um bastão. Era um bastão grande, ele o usava para se impelir adiante, e também para se defender, se fosse o caso, de cachorros e larápios. Sim, a noite caía, mas o homem era inocente, de uma grande inocência, não temia nada, sim, temia, mas não precisava temer nada, não se podia nada contra ele, ou muito pouco. Mas isso, ele sem dúvida ignorava. Eu mesmo, ao refletir sobre isso, eu também o ignorava. Ele se via ameaçado, em seu corpo, em seu juízo, e talvez estivesse, apesar da sua inocência. O que é que a inocência vem fazer aqui? Qual a relação com os inumeráveis agentes do mal? Não está claro. Ele usava um chapéu pontudo, ao que me parecia. Fiquei impressionado com ele, me lembro, como nunca tinha ficado com um boné, por exemplo, ou um chapéu-coco. Observei-o afastar-se, tomado por sua inquietação, enfim por uma inquietação que não era necessariamente a sua, mas da qual ele fazia de algum modo parte. Era, quem sabe, uma inquietação minha que o tomava, a ele. Não tinha me visto. Eu estava empoleirado acima do nível mais alto da estrada e espremido ainda por cima contra um rochedo da mesma cor que eu, quero dizer, cinza. Que ele tenha percebido o rochedo, é provável. Ele olhava ao redor, já fiz essa observação, como que para gravar na memória as caracterís-

ticas do caminho, e devia ver o rochedo à sombra do qual eu estava agachado, à maneira de Belacqua, ou de Sordello, não me recordo mais. Mas um homem, ainda mais eu, isso não faz exatamente parte das características de um caminho, porque. Quero dizer que, se por um acaso extraordinário ele um dia tivesse de passar de novo por ali, depois de um grande lapso de tempo, vencido, ou para buscar uma coisa esquecida, ou para queimar alguma coisa, é o rochedo que buscará com o olhar, e não o acaso à sua sombra dessa coisa móvel e fugidia que é a carne ainda viva. Não, com certeza não me viu, pelos motivos que dei e também porque não estava com a cabeça nisso, naquela noite, não com a cabeça nos vivos, mas sim naqueles que não mudam mais de lugar, ou mudam tão lentamente que uma criança zombaria deles, quanto mais um velho. O que quer que seja, quero dizer se me viu ou não me viu, repito que o observei afastar-se, lutando (eu) contra a tentação de me levantar e segui-lo, até mesmo de alcançá-lo talvez um dia, a fim de conhecê-lo melhor, a fim de ficar eu mesmo menos só. Mas apesar desse impulso da minha alma em direção a ele, no fim do seu elástico, eu mal o via, por causa da escuridão e também do terreno, em cujas dobras ele desaparecia de tempos em tempos, para reemergir mais longe, porém sobretudo, acho, por causa de outras coisas que me chamavam e em direção às quais minha alma por sua vez igualmente se lançava, sem método e desvairada. Falo naturalmente dos campos embranquecendo sob o orvalho e dos animais parando de vagar por ali para assumir suas posturas noturnas; do mar não direi nada, da linha cada vez mais fina dos cumes, do céu onde sem as ver sentia tremerem as primeiras estrelas, da minha mão sobre o joelho e depois, sobretudo, do outro caminhante, A ou B, não me lembro mais, que sabiamente voltava para casa. Sim, em direção a minha mão também, que o meu joelho sentia tremer e

da qual meus olhos só enxergavam o punho, o dorso repleto de veias e a brancura das primeiras falanges. Mas não é dela, quero dizer, dessa mão, que quero falar neste momento, cada coisa a seu tempo, mas desse A ou B que se dirigiu à cidade de onde acabou de sair. Mas, no fundo, em seu aspecto, o que havia de particularmente urbano? Estava com a cabeça descoberta, calçava alpercatas de esparto, fumava um charuto. Deslocava-se com uma espécie de preguiça flanadora que com ou sem razão me parecia expressiva. Mas tudo isso não provava nada, não refutava nada. Talvez tivesse vindo de longe, até mesmo da outra ponta da ilha, ia àquela cidade pela primeira vez talvez ou voltava depois de uma longa ausência. Um cachorrinho o acompanhava, um lulu-da-pomerânia acho, não, não acho. Não tinha certeza nem naquele momento, e ainda hoje não sei, se bem que tenha pensado muito pouco nisso. O cachorrinho acompanhava sofrivelmente, à maneira dos lulus-da-pomerânia, parava, dava giros compridos, deixava para lá, quero dizer, desistia, depois recomeçava um pouco mais longe. A constipação nos lulus-da-pomerânia é sinal de boa saúde. Num determinado momento, preestabelecido se quiserem, por mim tudo bem, o senhor refez seus passos, pegou o cachorrinho nos braços, tirou o charuto da boca e mergulhou seu rosto no pêlo alaranjado. Era um senhor, logo se via. Sim, era um lulu-da-pomerânia alaranjado, quanto mais imagino isso maior a minha convicção. E no entanto. Ora, teria esse senhor vindo de longe, de cabeça descoberta, alpercatas, charuto na boca, acompanhado de um lulu-da-pomerânia? Não parecia mais alguém saído das muralhas, depois de um bom jantar, para passear e passear seu cachorro, sonhando e peidando, como fazem tantos cidadãos, quando o tempo está bom? Mas esse charuto não era talvez na realidade um cachimbo curto, e essas alpercatas, sapatos reforçados brancos de poeira, e esse

cachorro, o que é que o impedia de ser um vira-lata que você apanha e abraça, por compaixão ou porque vagou sozinho por muito tempo sem nenhuma companhia fora as estradas sem-fim, areias, calhaus, pântanos, urzais, essa natureza que depende de uma outra justiça, e aqui e ali um companheiro de prisão que você gostaria de abordar, abraçar, ordenhar, amamentar, e com quem cruza, os olhos maus, de medo que ele venha com intimidades. Até o dia em que, não podendo mais, nesse mundo que para você não tem braços, você pega nos seus os cachorros sarnentos, os carrega o tempo que é preciso para que eles o amem, para que você os ame, depois os joga fora. Talvez fosse isso ali, apesar das aparências. Ele desapareceu, a coisa fumegante na mão, a cabeça sobre o peito. Deixem-me explicar. Dos objetos em vias de desaparecer é bem antes que desvio o olhar. Observá-los até o último instante, não, não consigo. É nesse sentido que ele desapareceu. Olhando em outra direção, pensava nele, dizia a mim mesmo, Ele vai diminuindo, diminuindo. Eu me compreendia. Sabia que poderia alcançá-lo, por mais aleijado que estivesse. Bastava querer. E no entanto não, pois eu queria. Me levantar, ganhar a estrada, me lançar claudicando em seu encalço, chamá-lo, nada mais fácil. Ele ouve meus gritos, se volta, me espera. Estou bem junto dele, junto do cão, ofegante, entre minhas muletas. Tem um pouco de medo, um pouco de pena de mim. Causo-lhe um certo desgosto. Não sou bonito de ver, não cheiro bem. O que é que eu quero? Ah, esse tom eu conheço, mistura de medo, pena, desgosto. Quero ver o cachorro, ver o homem, de perto, saber o que fumeça, inspecionar os sapatos, reparar noutros indícios. Ele é bom, me diz isso e aquilo, me ensina coisas, de onde vem, para onde vai. Acredito nele, sei que é minha única chance de — minha única chance, acredito em tudo que me dizem, já me recusei demais na minha longa vida, agora engu-

lo tudo, com avidez. Do que tenho necessidade é de histórias, levei muito tempo para saber disso. Mesmo assim não tenho certeza. Então vejamos, me fixei em certas coisas, sei certas coisas sobre ele, coisas que ignorava, que me atormentavam, e até coisas que nunca sofri. Que língua. Sou até capaz de ter aprendido a profissão dele, eu que me interessô tanto por profissões. Dizer que faço o possível para não falar de mim. Daqui a pouco falarei das vacas, do céu, vocês vão ver. Então vejamos, ele me deixa, ele tem pressa. Não parecia ter pressa, flanava, eu já tinha observado isso, mas depois de três minutos de conversa comigo tem pressa, deve apressar-se. Acredito nele. E estou de novo não diria só, não, não é do meu feitio, mas, como dizer, não sei, de volta a mim mesmo, não, nunca me deixei, livre, aí está, não sei o que isto quer dizer, mas é a palavra que ouço empregarem, livre para fazer o quê, para não fazer nada, para saber, mas o quê, as leis da consciência talvez, da minha consciência, que por exemplo a água sobe à medida que alguém afunda e que seria melhor, enfim, tão bom, apagar os textos em vez de escurecer as margens, tapá-los até que fique tudo branco e liso, e que a idiotice assumia sua verdadeira face, uma desgraça sem sentido e sem saída. Logo sem dúvida fiz bem, enfim, tão bem, em não me mexer do meu posto de observação. Mas em vez de observar tive a fraqueza de voltar em espírito ao outro, ao homem do bastão. Foram então de novo os murmúrios. Restabelecer o silêncio, é o papel dos objetos. Dizia a mim mesmo, Quem sabe não tenha simplesmente saído para tomar uma fresca, desenferrujar-se, desintoxicar-se, descongestionar o cérebro ao fazer o sangue correr até os pés, a fim de se garantir uma boa noite, um despertar feliz, um amanhã encantador. Levava apenas um alforje? Mas aquele andar, aqueles olhares ansiosos, aquela clava, é possível conciliá-los com a idéia daquilo que se chama uma voltinha? Mas seu chapéu, era

um chapéu urbano, antiquado mas urbano, que qualquer vento levaria para longe. A menos que esteja preso sob o queixo, com um cordão ou um elástico. Tirei meu chapéu e olhei para ele. Um cadarço comprido amarra-o, desde sempre, à minha botoeira, sempre a mesma, qualquer que seja a estação. Logo, ainda estou vivo. É bom saber. A mão que pegou o chapéu e ainda o segura, afastei-a de mim o máximo possível e a fiz descrever círculos. Ao fazer isso, vi a lapela do casaco e observei-a abrir-se e fechar-se. Entendo agora por que nunca levei uma flor na lapela, grande o bastante para receber todo um buquê. Minha lapela era reservada para o meu chapéu. Era o chapéu que eu floria. Mas não é nem do meu chapéu nem do meu casaco que desejo falar agora, seria prematuro. Falarei deles sem dúvida mais tarde, quando se tratar de lavrar o inventário dos meus e das minhas posses. A menos que os perca daqui até lá. Mas mesmo perdidos terão seu lugar, no inventário dos meus bens. Mas estou tranqüilo, não os perderei. Minhas muletas também não, não as perderei. Mas as jogarei fora um dia talvez. Deveria encontrar-me no topo ou na encosta de uma altura considerável, senão como poderia ter lançado olhares sobre tantas coisas próximas e distantes, móveis e fixas. Mas o que faz uma altura nessa paisagem a custo ondulada? E eu, o que é que eu estava fazendo lá? É isso que vamos tentar saber. Aliás, não vamos levar essas coisas muito a sério. Há, ao que parece, de tudo na natureza e as anomalias são comuns. E talvez confunda várias ocasiões diferentes, e as horas, no fundo, e o fundo é meu habitat, oh não o fundo do fundo, algum lugar entre a espuma e a lama. E foi talvez num dia A em determinado lugar, depois em outro B em determinado outro, depois num terceiro o rochedo e eu, e assim por diante para os outros componentes, as vacas, o céu, o mar, as montanhas. Não posso acreditar. Não, não vou mentir, concebo isso

com facilidade. Pouco importa, continuemos, façamos como se tudo tivesse surgido do mesmo tédio, vamos preenchendo, preenchendo, até o preto total. O que é certo é que o homem do bastão não passou de volta por lá naquela noite, pois eu o teria ouvido. Não digo que o teria visto, digo que o teria ouvido. Durmo pouco e o pouco que durmo durmo de dia. Oh não sistematicamente, na minha vida desmedida experimentei todo tipo de sono, mas na época que estou expondo tirava minha soneca de dia e, ainda por cima, de manhã. Que não me venham falar da lua, não tem lua na minha noite, e se me acontece falar de estrelas é por descuido. Agora, de todos os ruídos daquela noite, nenhum foi o daqueles passos pesados e incertos, daquela clava com que ele às vezes batia na terra até fazê-la tremer. Como é agradável se ver confirmado, depois de um período mais ou menos longo de hesitação, nessas primeiras impressões. Sem dúvida é isso que tempera as agonias do trespasse. Não que eu o fosse de maneira conclusiva, quero dizer, confirmado nessa primeira impressão sobre — esperem — sobre B. Pois as carretas e as carroças que passaram um pouco antes do amanhecer com um barulho de trovão, levando frutas, manteiga e queijo ao mercado, numa delas ele talvez tivesse arranjado um lugar, vencido pelo cansaço ou desanimado, quem sabe morto. Ou conseguira voltar à cidade por outro caminho, muito distante para que eu pudesse ouvir o que se passava, ou por pequenas trilhas através dos campos, esmagando a grama em silêncio e golpeando o solo mudo. Foi assim que saí daquela noite distante, dividido entre os murmúrios do meu ser polidamente perplexo e aqueles tão diferentes (tanto assim?) de tudo o que passa e fica entre dois sóis. Nem uma vez uma voz humana. Mas as vacas, ao passarem camponeses, chamando em vão por alguém que viesse ordenhá-las. A e B, nunca os revi. Mas vou revê-los talvez. Mas saberei reconhecê-los? E

tenho certeza de nunca tê-los revisto? E o que é que chamo de ver e rever? Um instante de silêncio, como quando o maestro bate na estante, levanta os braços, antes do fragor irrefutável. Fumaça, bastões, carne, cabelos, à noite, ao longe, ao redor do desejo de um irmão. Esses andrajos sei suscitá-los, para com eles cobrir minha vergonha. Me pergunto o que isto quer dizer. Mas não ficarei sempre na necessidade. Mas a propósito do desejo de um irmão direi que, tendo levantado entre onze e meio-dia (ouvi o ângelus, recordando a encarnação, um pouco depois), resolvi ir ver minha mãe. Precisava, para me resolver a ir ver essa mulher, de motivos que apresentassem um caráter de urgência, e esses motivos, já que eu não sabia o que fazer, nem aonde ir, foram para mim brincadeira de criança, de filho único, encher a cabeça, até o ponto em que expulsasse todas as outras preocupações e me pusesse a tremer à simples idéia de que poderia ser impedido de voltar lá, quer dizer, à casa da minha mãe, sem mais demora. Conseqüentemente, me levantei, ajustei as muletas e desci para a estrada, onde encontrei minha bicicleta (puxa, isso nem eu esperava) no mesmo lugar em que devia tê-la deixado. Isso me permite observar que, mesmo aleijado como estava, andava de bicicleta feliz, naquela época. Aqui está como fazia. Prendia minhas muletas na barra superior do quadro, uma de cada lado, e ganchava o pé da minha perna dura (esqueço qual, estão duras, todas duas, agora) na saliência do eixo da roda dianteira e pedalava com a outra. Era uma bicicleta sem corrente, com rodas livres, se é que isso existe. Querida bicicleta, não vou chamá-la de *bike*, você era pintada de verde, como tantas bicicletas do seu tipo, não sei por quê. Eu a revejo de bom grado. Teria prazer em detalhá-la. Tinha uma buziniha ou cornetinha em vez da sineta em voga no tempo de vocês. Acionar essa buzina era para mim um verdadeiro prazer, quase uma volúpia. Iria

além, diria que se fosse para fazer a lista de premiação das coisas que não foram um pé muito forte no saco ao longo da minha existência interminável, o ato de buzinar ocuparia um lugar de honra. E quando tive de me separar da bicicleta retirei a buzina e guardei-a em meu poder. Ainda a tenho, acho, em algum lugar, e se não a uso mais, é porque ficou muda. Nem os motoristas de hoje têm mais buzina, nesse meu sentido, ou raramente. Quando localizo uma, na rua, pelo vidro abaixado de um carro estacionado, sempre paro e buzino. Deveria reescrever tudo isso no mais-que-perfeito. Falar de bicicletas e buzinas, que descanso. Infelizmente não é disso que se trata, mas daquela que me deu à luz, pelo buraco do seu cu se não me falha a memória. Primeiro gosto da merda. Então acrescentarei apenas que a cada cem metros mais ou menos parava para descansar as pernas, não apenas as pernas. Não descia exatamente do selim, ficava escanchado, os dois pés no chão, os braços sobre o guidão, a cabeça sobre os braços, e esperava até me sentir melhor. Mas antes de deixar esses sítios encantadores, suspensos entre a montanha e o mar, protegidos de certos ventos e abertos a tudo o que o sul traz consigo, de perfumes e langores, neste país condenado, me causaria desgosto omitir o grito terrível dos codornizões que correm na seara, nas campinas, durante as curtas noites de verão, agitando suas matracas. Isso me permite, além do mais, saber quando começou essa viagem irreal, a penúltima de uma forma esmaecida entre formas esmaecidas, e que declarou sem mais essa nem aquela ter começado na segunda ou na terceira semana de junho, quer dizer, no momento mais penoso de todos em que, sobre o que se chama nosso hemisfério, o encarniçamento do sol atinge o seu máximo e a claridade ártica vem mijar sobre nossas meias-noites. É então que os codornizões se fazem ouvir. Minha mãe me via de bom grado, quer dizer, ela me recebia de bom grado,

pois já fazia um tempão que ela não via mais nada. Vou me esforçar para falar disso com calma. Estávamos tão velhos, ela e eu, ela me tivera tão jovem, que éramos como um par de velhos compadres, sem sexo, sem parentesco, com as mesmas lembranças, os mesmos rancores, a mesma expectativa. Nunca me chamava de filho, aliás eu não teria agüentado, mas de Dan, não sei por quê, não me chamo Dan. Dan talvez fosse o nome do meu pai, sim, ela talvez me tomasse por meu pai. Eu, eu a tomava por minha mãe e ela, ela me tomava por meu pai. Dan, você se lembra do dia em que salvei a andorinha. Dan, você se lembra do dia em que enterrou o anel. Era assim que ela falava comigo. Eu me lembrava, eu me lembrava, quero dizer que sabia mais ou menos do que ela falava, e se nem sempre tivesse participado pessoalmente dos incidentes que evocava, era como se tivesse. Eu a chamava de Mag, quando precisava dar-lhe um nome. E se a chamava de Mag era porque na minha cabeça, sem que eu soubesse dizer por quê, a letra G abolia a sílaba Ma, e por assim dizer cuspi em cima, melhor do que qualquer outra letra teria feito. E ao mesmo tempo eu satisfazia uma necessidade profunda e sem dúvida inconfessa, a de ter uma Ma, quer dizer, uma mamãe, e de anunciá-lo, em voz alta. Pois antes de se dizer Mag, diz-se Ma, é obrigatório. E Da, na minha região, quer dizer papai. Além do que, para mim o problema não se colocava, na época em que estou me imiscuindo, quero dizer o problema de chamá-la Ma, Mag ou condessa Caca, pois havia uma eternidade que estava surda como uma porta. Acho que ela fazia nela, tanto o sólido quanto o líquido, mas uma espécie de pudor nos fazia evitar o assunto, durante nossas conversas, e nunca pude ter certeza. De resto devia ser bem pouco, algumas cagadinhas de cabrita parcimoniosamente despejadas a cada dois ou três dias. O quarto cheirava a amoníaco, oh não a amoníaco, mas ao amoníaco, amo-

níaco. Ela sabia que era eu, pelo cheiro. Seu rosto pergaminhoso e peludo se iluminava, ficava contente de me cheirar. Ela articulava mal, num fragor de dentaduras, e na maior parte das vezes não se dava conta do que dizia. Outro que não eu teria se perdido nesse tatibitate retinente, que só devia parar em seus breves momentos de inconsciência. Em todo caso, não vinha para escutá-la. Estabelecia uma comunicação com ela batendo-lhe no crânio. Uma pancada significava sim, duas não, três não sei, quatro dinheiro, cinco adeus. Devo ter tido trabalho para treinar seu entendimento arruinado e delirante nesse código, mas consegui. Que ela confundisse sim, não, não sei e adeus, isso me era indiferente, eu mesmo os confundia. Mas que ela associasse as quatro pancadas com outra coisa além de dinheiro, eis o que era preciso evitar a todo custo. Então, durante o período de treinamento, ao mesmo tempo em que lhe dava as quatro pancadas no crânio, metia-lhe uma nota de dinheiro debaixo do nariz ou na boca. Que ingênuo eu era! Pois ela parecia ter perdido, se não a noção completa das medidas, pelo menos a capacidade de contar além de dois. Era ir muito longe para ela, vocês compreendem, de um a quatro. Quando chegava a quarta pancada ela ainda achava que era a segunda, as duas primeiras tinham se apagado da sua memória tão completamente como se nunca as tivesse sentido, ainda que eu não saiba muito bem como uma coisa que nunca sentimos possa apagar-se da memória, e no entanto isso é comum. Devia achar que eu lhe dizia não o tempo todo, embora nada estivesse mais longe das minhas intenções. Alertado por esses raciocínios procurei, e acabei encontrando, um meio mais eficiente de pôr na sua cabeça a idéia de dinheiro. Consistia em substituir as quatro pancadas com meu indicador por um ou vários (segundo as minhas necessidades) socos, em seu crânio. Isso ela compreendia. Em todo caso, não vinha por dinheiro.

Tomava o dinheiro dela, mas não vinha por isso. Não quero muito mal a ela, a minha mãe. Sei que fez de tudo para não me ter, fora evidentemente o principal, e se ela nunca conseguiu me despre-
gar, é que o destino me reservava um fosso diferente da latrina. Mas a intenção era boa e isso me basta. Não, isso não me basta, mas levo-a em consideração, a minha mãe, os esforços que fez por mim. E lhe perdão por ter me sacudido um pouco nos primeiros meses e ter estragado o único período relativamente suportável da minha enorme história. E levo-a em consideração também por não ter recomeçado, seguindo o meu exemplo, ou por ter parado a tempo. E se tiver um dia de procurar um sentido para a minha vida, nunca se sabe, é desse lado que vou esgaravatar primeiro, do lado dessa pobre puta unípara e de mim mesmo último da minha raça, me pergunto qual. Acrescento, antes de me ater aos fatos, pois parecem fatos de verdade, daquela distante tarde de verão, que com aquela velha surda, cega, impotente e louca, que me chamava de Dan e que eu chamava de Mag, e só com ela, eu — não, não posso dizer isso. Quero dizer que eu poderia dizer mas não direi, sim seria fácil dizer, pois não seria verdade. O que eu via dela? Uma cabeça sempre, às vezes as mãos, raramente os braços. Uma cabeça sempre. Coberta de pêlos, rugas, sujeira, baba. Uma cabeça que escurecia o ar. Não que seja importante ver, mas já é um começo. Era eu que tirava a chave de baixo do travesseiro, que tirava o dinheiro da gaveta, que recolocava a chave embaixo do travesseiro. Mas não vinha pelo dinheiro. Acho que tinha uma mulher que vinha toda semana. Uma vez pousei meus lábios, vaga, precipitadamente, naquela perinha cinzenta e encarquilhada. Puu. Isso lhe deu prazer? Não sei. Seu palavrório cessou um instante, depois continuou. Ela devia se perguntar o que lhe acontecera. Talvez dissesse a si mesma puu. Senti um cheiro horrível. Devia vir dos intestinos.

Perfume de antiguidade. Oh não a critico, eu mesmo não exalo perfumes da Arábia. Descreverei seu quarto? Não. Terei oportunidade de fazê-lo mais tarde talvez. Quando for buscar asilo lá, sem mais recursos, toda a vergonha engolida, a pica no reto, quem sabe. Bom. Agora que sabemos aoíde ir, vamos. É tão bom saber aonde se vai, nos primeiros tempos. Isso quase nos tira a vontade de ir. Estava distraído, eu que sou tão pouco distraído, pois de que me distrairia, e quanto a meus movimentos, ainda mais incertos que de costume. A noite deve ter me cansado, enfim, me enfraquecido, e o sol, alçando-se cada vez mais a leste, tinha me envenenado, enquanto eu dormia. Entre mim e ele, antes de fechar os olhos, deveria ter colocado o volume do rochedo. Confundo leste e oeste, os pólos também, eu os inverte de bom grado. Estava fora de prumo. Vai fundo o meu prumo, num poço profundo, e é raro estar fora dele. É por isso que fica aqui registrado. Entretanto fiz algumas milhas sem dificuldade e cheguei às muralhas. Ali, desci do selim, seguindo as regras. Sim, para entrar e sair da cidade a polícia exige que os ciclistas desçam do selim, que os automóveis engatem a primeira, que os veículos puxados a cavalo só avancem a passo. A razão para essa ordem é, creio, a seguinte, que as vias de acesso, e é claro de saída, dessa cidade são estreitas e escurecidas por abóbadas imensas, sem exceção. É uma boa regra e eu a sigo com zelo, apesar do trabalho que me dá seguir em frente usando minhas muletas e empurrando minha bicicleta ao mesmo tempo. Dei um jeito. Foi preciso pensar. Assim nós ultrapassamos essa difícil passagem, eu e minha bicicleta, ao mesmo tempo. Mas um pouco adiante fui interpelado. Levantei a cabeça e vi um policial. Isto é uma maneira elíptica de falar, pois só mais tarde, por meio de indução, ou de dedução, não sei mais, soube do que se tratava. O que você está fazendo aí?, ele disse. Estou acostumado a

essa pergunta, compreendi-a imediatamente. Estou descansando, eu disse. Você está descansando, ele disse. Estou descansando, eu disse. Você quer responder à minha pergunta?, ele gritou. Aí está o que normalmente me acontece quando sou encurralado numa confabulação, creio sinceramente ter respondido às perguntas que me fizeram e na verdade não é nada disso. Não vou reconstruir essa conversa em todos os seus meandros. Acabei entendendo que minha maneira de descansar, minha atitude durante o descanso, escanchado sobre a bicicleta, os braços sobre o guidão, a cabeça sobre os braços, atentava contra não sei mais o quê, contra a ordem, contra o pudor. Apontei modestamente para as minhas muletas e arrisquei alguns ruídos sobre a minha enfermidade, que me obrigava a descansar como fosse possível, e não como fosse devido. Pensei compreender então que não havia duas leis, uma para os sãos e outra para os inválidos, mas somente uma, à qual deveriam se curvar ricos e pobres, jovens e velhos, felizes e tristes. Era um bom orador. Observei que eu não era triste. Que é que fora dizer! Seus documentos, ele disse, soube um instante depois. Não por isso, eu disse, não por isso. Sua papelada!, ele gritou. Ah, minha papelada. Ora, a única papelada que carrego comigo é um pouco de jornal, para me limpar, vocês entendem, quando vou na privada. Oh, não digo que me limpo toda vez que vou na privada, não, mas adoro estar preparado para fazê-lo, se for o caso. Isso é natural, me parece. Apavorado, tirei esse papel do bolso e meti-lhe debaixo do nariz. O dia estava bonito. Pegamos umas ruazinhas ensolaradas, poucos transeuntes, eu saltitando entre as muletas, ele empurrando delicadamente minha bicicleta, com sua mão enluvada de branco. Eu não — não me sentia infeliz. Parei por um instante, assumo isso, levantei a mão e toquei a copa do chapéu. Estava pegando fogo. Sentia voltarem-se à nossa passagem rostos alegres e

tranqüilos, rostos de homens, de mulheres, de crianças. Me pareceu ouvir, num determinado momento, uma música ao longe. Parei para ouvi-la melhor. Ande, ele disse. Escute, eu disse. Ande, ele disse. Não me deixaram ouvir a música. Isso poderia ter provocado um ajuntamento. Ele me deu um safanão nas costas. Me tocaram, oh não, não na pele, mas mesmo assim, a pele sentira, esse punho duro de homem, através de suas coberturas. Prosseguindo no meu melhor passo, me entreguei àquele momento dourado, como se fosse um outro. Era a hora do descanso, entre o trabalho da manhã e o da tarde. Talvez os mais sábios, estendidos nas praças ou sentados na porta de casa, saboreassem os últimos langores, esquecidos das preocupações recentes, indiferentes às próximas. Outros, ao contrário, aproveitavam para traçar planos, a cabeça nas mãos. Havia ali um só para se pôr no meu lugar, para sentir como eu era pouco, naquela hora, aquele que parecia ser, e nesse pouco que força havia, de amarras esticadas a ponto de arrebentar? É possível. Sim, me encaminhava para essas falsas profundezas, para o falso ar de gravidade e paz, me lançava ali com todos os meus antigos venenos, sabendo que não arriscava nada. Sob o céu azul, sob o olhar do guarda. Esquecido da minha mãe, liberado dos atos, fundido na hora dos outros, dizendo a mim mesmo trégua, trégua. Ao chegar à delegacia, fui apresentado a um funcionário estranhíssimo. Usando roupas civis, em mangas de camisa, estava refestelado numa poltrona, os pés sobre a escrivaninha, um chapéu de palha na cabeça e saindo da boca um objeto fino que não consegui identificar. Estes detalhes, tive tempo de registrá-los, antes que me dispensasse. Escutou o relatório do seu subordinado, depois começou a me interrogar com um tom que, do ponto de vista da educação, deixava cada vez mais a desejar, na minha opinião. Entre as suas perguntas e as minhas respostas, falo das merecedoras de aten-

ção, havia intervalos mais ou menos longos e barulhentos. Sou tão pouco acostumado a que me perguntem alguma coisa que quando me perguntam alguma coisa levo tempo para saber o quê. E o defeito que tenho é que em vez de refletir tranquilamente sobre o que acabo de ouvir, e que ouço perfeitamente bem, tendo o ouvido bastante apurado, apesar de vetusto, me apresso em responder não importa o quê, provavelmente de medo que meu silêncio leve ao paroxismo a cólera do meu interlocutor. Sou um medroso, vivi a vida toda com medo, medo de apanhar. Os insultos, as invectivas, eu os agüento sem dificuldade, mas aos golpes nunca consegui me acostumar. É engraçado. Até as cusparadas ainda me causam dor. Mas se forem gentis comigo, quero dizer que se se abstiverem de me maltratar, raramente deixarei de dar satisfação, no final das contas. Agora o delegado se contentou em me ameaçar com uma régua cilíndrica, de modo que teve a vantagem de descobrir, pouco a pouco, que eu não tinha nenhuma papelada no sentido em que esta palavra tinha sentido para ele, nem ocupação, nem domicílio, que meu sobrenome me fugia no momento e que eu me dirigia à casa da minha mãe, às custas de quem eu ia agonizando. Quanto ao endereço desta última, eu o ignorava, mas sabia muito bem chegar lá, mesmo no escuro. O bairro? O dos abatedouros, meu príncipe, porque do quarto da minha mãe, através das janelas fechadas, mais forte que a tagarelance dela, escutara os rugidos dos bois, esse mugido violento, rouco e trêmulo, que não é o dos pastos, mas o das cidades, dos abatedouros e dos mercados de animais. Sim, pensando bem, talvez tenha me precipitado um pouco ao dizer que minha mãe morava perto dos abatedouros, porque podia muito bem ser o mercado de animais, perto do qual morava. Fique tranquilo, disse o delegado, é o mesmo bairro. O silêncio que se seguiu a essas palavras amáveis, eu o utilizei para me voltar para a janela, sem

nada ver na verdade, pois tinha fechado os olhos, oferecendo àquela doçura de azul e ouro apenas o rosto e o pescoço, e a mente vazia também, ou quase, pois devia me perguntar se não tinha vontade de me sentar, depois de tanto tempo em pé, e me recordar o que havia aprendido sobre aquele assunto, saber que ficar sentado não era mais posição para mim, por causa da minha perna curta e dura, que só havia duas posições para mim, a vertical, pendurado entre minhas muletas, deitado em pé, e a horizontal, no chão. E no entanto a vontade de sentar surgia de vez em quando, ressurgia de um mundo desaparecido. E eu nem sempre resistia, embora soubesse bem. Sim, esse sedimento minha mente certamente sentia, movendo-se não se sabe como, feito pedrinhas no fundo de uma poça, enquanto por entre meus traços e no meu grande pomo-de-adão pesavam o céu magnífico e o ar do verão. E de repente me lembrei do meu nome, Molloy. Me chamo Molloy, gritei, de supetão, Molloy, isto me veio agorinha. Nada me obrigava a fornecer essa informação, mas a forneci, esperando sem dúvida causar prazer. Me deixaram ficar com o chapéu, me pergunto por quê. É o nome da sua mãe, disse o delegado, devia ser um delegado. Molloy, eu disse, me chamo Molloy. Este é o nome da sua mãe?, disse o delegado. Como?, eu disse. Você se chama Molloy, disse o delegado. Sim, eu disse, isto me veio agorinha. E a sua mãe?, disse o delegado. Eu não compreendia. Ela também se chama Molloy?, disse o delegado. Ela se chama Molloy?, eu disse. Sim, disse o delegado. Fiquei pensando. Você se chama Molloy, disse o delegado. Sim, eu disse. E a sua mãe, disse o delegado, ela também se chama Molloy? Fiquei pensando. Sua mãe, disse o delegado, ela se chama —. Deixe-me pensar!, gritei. Enfim imagino que tenha se passado assim. Pense, disse o delegado. Mamãe, ela se chamava Molloy? Provavelmente. Ela também devia se chamar Molloy, eu disse.

Levaram-me, para a sala de guarda, acho, e me mandaram sentar. Me expliquei. Estou resumindo. Obtive permissão, não para me estender num banco, mas pelo menos para ficar em pé, apoiado contra a parede. A sala era escura e percorrida em todas as direções por gente que se apressava, malfeitores, policiais, homens da lei, padres e jornalistas, imagino. Tudo isso fazia um escuro, formas escuras se apressando num espaço escuro. Não prestavam atenção em mim e eu retribuía na mesma moeda. Então como é que eu podia saber que não prestavam atenção em mim e como poderia retribuir-lhes já que não prestavam atenção em mim? Não sei. Eu sabia e retribuía, e ponto, é tudo. Mas eis que de repente surgiu diante de mim uma mulher grande e gorda vestida de negro, ou melhor, de malva. Ainda hoje me pergunto se não era a assistente social. Me estendeu uma tigela cheia de um suco cinzento que devia ser chá verde com sacarina e leite em pó, num pires desparelhado. E não era só isso, pois entre a tigela e o pires se equilibrava precariamente um grande pedaço de pão seco, que me fez começar a dizer, com uma espécie de angústia, Vai cair, vai cair, como se isso tivesse importância, que caísse ou não. Um momento depois eu mesmo já segurava, nas mãos trêmulas, esse pequeno ajuntamento de objetos heterogêneos e oscilantes, em que se avizinhavam o duro, o líquido e o mole, e sem entender como a transferência se efetuara. Vou lhes dizer uma coisa, quando as assistentes sociais oferecem algo para você não ter um passamento, de graça, o que para elas é uma obsessão, não adianta recusar, elas o perseguirão até os confins da terra, o vomitório nas mãos. Os do Exército de Salvação não são melhores. Não, contra o gesto caridoso não há defesa, que eu saiba. Você abaixa a cabeça, estende as mãos todas trêmulas e embaraçadas e diz obrigado, obrigado senhora, obrigado minha boa senhora. Quem não tem nada é proibido de não gostar da

merda. O líquido transbordava, a tigela balançava com um barulho de dentes batendo, não eram os meus, não os tenho, e o pão encharcado pendia cada vez mais. Até o momento em que, no auge da aflição, atirei tudo para longe de mim. Não deixei cair, não, mas com um empurrão convulsivo das duas mãos mandei tudo se espatifar no chão, ou contra a parede, tão longe de mim quanto minhas forças permitiam. Não vou dizer a continuação, porque estou cansado desse lugar e quero ir para outro. A tarde já ia bem adiantada quando me disseram que eu podia sair. Recomendaram que me comportasse melhor no futuro. Consciente da minha culpa, sabendo agora os motivos pelos quais tinha sido preso, sensível às irregularidades que meu interrogatório trouxera à baila, espantei-me ao recuperar tão depressa a liberdade, se é que era isso mesmo, e sem que a menor sanção fosse aplicada. Tinha, sem saber, um protetor lá em cima? Tinha impressionado o delegado, sem querer? Tinham conseguido encontrar a minha mãe e confirmado com ela, ou com as pessoas do bairro, uma parte das minhas declarações? Julgavam que não valia a pena me levar ao tribunal correcional? Punir de modo sistemático um ser como eu, isto não é fácil. Acontece, mas o bom senso desaconselha. É melhor se fiar nos policiais. Não sei. Se o porte de documentos de identidade é obrigatório, por que não insistiram para que os tirasse? Porque isso custa dinheiro e eu não tinha nenhum? Nesse caso não poderiam ter apreendido minha bicicleta? Provavelmente não, sem um mandado judicial. Tudo isso é incompreensível. O que é certo é que nunca mais descânsei daquela maneira, os pés obscenamente apoiados no chão, os braços sobre o guidão, e sobre os braços a cabeça, abandonada e balançante. Era de fato um espetáculo triste, e um exemplo triste, para os cidadãos, que precisam tanto ser incentivados, em seu trabalho duro, e ver ao seu redor tão-somente manifestações de força, de

alegria e de coragem, sem as quais seriam capazes de desmornar, ao fim do dia, e rolar pelo chão. Só precisam me ensinar em que consiste a boa conduta para que eu me conduza bem, na medida em que meu físico permita. Também não parei de melhorar, desse ponto de vista, pois eu — eu era inteligente e vivo. E no que diz respeito à boa vontade, eu tinha de sobra, a boa vontade exasperada dos ansiosos. De modo que meu repertório de atitudes aceitas não parou de se enriquecer, desde meus primeiros passos até os últimos, executados no ano passado. E se sempre me comportei como um porco, a culpa não é minha, mas dos meus superiores, que só me corrigiam quanto a detalhes em vez de me mostrar a essência do sistema, como se faz nas grandes escolas anglo-saxãs, e os princípios dos quais decorrem as boas maneiras e o modo de passar, sem se atrapalhar, daqueles a estas, e de remontar às fontes a partir de uma determinada conduta. Pois isso teria me permitido, antes de exhibir em público certos hábitos decorrentes apenas da comodidade do corpo, como o dedo no nariz, a mão nos colhões, a escarrada sem lenço e a mijada ambulante, reportar-me às primeiras regras de uma teoria racional. Sim, sobre esse assunto tinha apenas noções negativas e empíricas, o que equivale a dizer que ficava no escuro, a maior parte do tempo, ainda mais profundamente porque minhas observações, colhidas ao longo do século, me dispunham a colocar em dúvida até os alicerces do decoro, mesmo num espaço restrito. Mas é apenas desde que não vivo mais que penso, nessas coisas é em outras. É na tranquilidade da decomposição que me recordo dessa longa emoção confusa que foi a minha vida, e que a julgo, como dizem que Deus nos julgará e com a mesma impertinência. Decompor também é viver, sei disso, sei disso, não me aborrecam, mas nem sempre você está aí por inteiro. No mais, com aquela vida também terei talvez a bondade de entretê-los

um dia, no dia em que saberei que acreditando saber não fazia mais que existir, e que a paixão sem forma nem estações me terá devorado até as carnes podres, e que ao saber disso não sei nada, que só faço gritar como só fiz gritar, com mais ou menos força, mais ou menos abertamente. Então-gritemos, dizem que faz bem. Sim, gritemos, desta vez, depois mais uma talvez. Gritemos que o sol se pondo batia em cheio na fachada branca da delegacia. Parecia que estávamos na China. Uma sombra complexa se desenhava. Era eu e minha bicicleta. Comecei a brincar, gesticulando, agitando meu chapéu, fazendo a bicicleta ir e vir diante de mim, na frente, atrás, buzinando. Olhava para a parede. Olhavam para mim pelas janelas gradeadas, sentia seus olhos sobre mim. O policial de guarda na porta disse para eu me mandar. Teria me acalmado sozinho. A sombra afinal não é tão divertida quanto o corpo. Pedi ao policial que tivesse pena de mim, que me ajudasse. Ele não entendeu. Me arrependi do lanche da assistente social. Tirei um seixo do bolso e chupei. Era liso, de tanto ser chupado, por mim, e de ter sido rolado pela tempestade. Um seixinho redondo e liso na boca, isto acalma, refresca, distrai da fome, engana a sede. O policial veio na minha direção, era a minha lentidão que o incomodava. Para ele também eles olhavam, das janelas. Em algum lugar riam. Em mim também havia alguém que ria. Peguei minha perna doente com as mãos e a fiz passar sobre o quadro. Parti. Tinha esquecido aonde ia. Parei para pensar. É difícil pensar pedalando, para mim. Quando quero pensar pedalando, perco o equilíbrio e caio. Falo no presente, é tão fácil falar no presente, quando se trata do passado. É o presente mitológico, não liguem. Já estava me acomodando na minha estase de farrapo quando me lembrei de que não era a coisa a fazer. Retomei meu caminho, esse caminho do qual nada sabia, enquanto caminho, que era só uma superfície clara ou

escura, lisa ou esburacada, e sempre querida, pensando bem, e esse querido ruído de coisa que se desloca e que um pouco de poeira saúda, quando o tempo está seco. Lá estava eu, sem me recordar de ter saído da cidade, às margens do canal. O canal atravessa a cidade, eu sei, eu sei, tem até dois. Mas então essas sebes, esses campos? Não se atormente, Molloy. De repente vejo, era a minha perna direita a dura, naquela época. Penando ao longo do caminho da sirga vi que vinha na minha direção uma parelha de burricos cinzentos, na outra margem, e ouvi gritos de cólera e golpes surdos. Pus o pé no chão para ver melhor o barco que se aproximava, tão suavemente que a água nem ondulava. Era um carregamento de madeira e pregos, destinados a algum carpinteiro provavelmente. Meu olhar encontrou o olhar de um burro, baixei os olhos até suas patinhas delicadas e corajosas. O cocheiro apoiava o cotovelo no joelho, a cabeça na mão. A cada três ou quatro baforadas, sem tirar o cachimbo da boca, cuspiam na água. O sol punha no horizonte seus tons de enxofre e fósforo, era para lá que eu ia. Finalmente desci do selim, cheguei saltitando à vala e me deitei, ao lado da minha bicicleta. Me deitei ao comprido, os braços cruzados. Um espinheiro branco se inclinava para mim, infelizmente não gosto do cheiro do espinheiro. Na vala a grama era alta e espessa, levantei meu chapéu e passei as longas hastes folhudas pela cara. Naquele momento sentia a terra, o cheiro da terra estava na grama, que minhas mãos entrançavam pela minha cara, de modo que ficasse cego. Comi um pouco dela também. Me veio à memória, de maneira tão incompreensível quanto antes o meu nome, que tinha partido para ir ver a minha mãe, na manhã daquele dia que terminava. Meus motivos? Esqueci. Mas os conhecia, achava que conhecia, só tinha de reencontrá-los para ir voando até lá, à casa da minha mãe, nas asas de galinha da necessidade. Sim, a partir do momen-

to em que se sabe por que tudo fica fácil, uma simples questão de mágica. Saber o santo, tudo se resume a isso, qualquer idiota pode se apegar a um. Quanto aos detalhes, se alguém se interessa pelos detalhes, não deve desesperar, pode-se terminar batendo na porta certa, da maneira certa. É para o todo que parece não existir truque. Talvez não haja todo, a não ser póstumo. Não é preciso ser muito esperto para encontrar um calmante na vida dos mortos. O que estou esperando, nesse caso, para conjurar a minha? Está chegando, está chegando, ouço daqui o urro que vai apaziguar tudo, mesmo que não seja o meu. Enquanto se espera, inútil se saber defunto, você não é, ainda se contorce, os cabelos crescem, as unhas crescem, as entranhas se esvaziam, todos os agentes funerários estão mortos. Alguém fechou as cortinas, você mesmo talvez. Nem o menor ruído. Onde estão as tão faladas moscas? Você se rende às evidências, não é você que está morto, são todos os outros. Então você se levanta e vai à casa da sua mãe, que se crê viva. Aí está a minha impressão. Mas será preciso agora que eu saia da vala. Desapareceria nela de bom grado, me afundando cada vez mais sob o influxo das chuvas. Retornarei a ela sem dúvida um dia, ou a uma depressão análoga, confio nos meus pés para isso, como sem dúvida um dia reencontrarei o delegado e seus ajudantes. E se, mudado demais para reconhecê-los, não digo que sejam os mesmos, não se enganem, serão os mesmos, ainda que mudados. Pois inventar um ser, um lugar, ia dizendo uma hora, mas não quero ofender ninguém, e depois não se servir mais deles, seria, como dizer, não sei. Não querer dizer, não saber o que se quer dizer, não poder dizer o que se acredita que se quer dizer, e sempre dizer ou quase, isto é que é importante não perder de vista, no calor da redação. Aquela noite não foi como a outra, se tivesse sido eu saberia. Pois aquela noite, que passei à margem do canal, quando tento pensar nela não

encontro nada, nem a noite propriamente dita, apenas Molloy na vala, e um silêncio perfeito, e em minhas pálpebras fechadas a pequena noite, onde manchas claras nascem, brilham e se extinguem, às vezes vazias, às vezes povoadas, como dos excrementos dos santos a chama. Digo essa noite, mas foram muitas talvez. Trair, trair, o pensamento traiçoeiro. Mas a manhã, uma manhã, eu a reencontro, a manhã já adiantada, e a soneca que tirei então, seguindo meu costume, e o espaço novamente sonoro, e o pastor que me observava dormir e debaixo dos olhos de quem abri os olhos. Ao seu lado um cachorro ofegante, que me olhava também, mas menos fixamente que seu dono, porque de quando em quando parava de me olhar para morder furiosamente suas carnes, provavelmente nos lugares em que os carrapatos se aproveitavam dele. Será que me tomava por uma ovelha negra enredada nos espinheiros e esperava a ordem do dono para me tirar de lá? Acho que não. Não cheiro a ovelha, gostaria muito de cheirar a ovelha, ou a bode. As primeiras coisas que se oferecem a mim, ao despertar, vejo-as com bastante nitidez, e as compreendo, quando não são difíceis demais. Depois nos meus olhos e na minha cabeça uma chuva fina começou a cair, como que do ralo de um regador. Isso é que é importante. Soube imediatamente que era um pastor e seu cachorro que tinha diante de mim, por sobre mim na verdade, pois eles não tinham saído do caminho. E o balido do rebanho também, inquieto por não se sentir mais perseguido, eu o identifiquei sem problemas. É nesse momento também que o sentido das palavras me é menos obscuro, de modo que digo, com uma segurança tranqüila, Para onde as leva, para o campo ou para o matadouro? Devia ter perdido completamente o senso de direção, como se isso tivesse alguma coisa a ver com a pergunta, a direção. Pois mesmo se se dirigisse para a cidade, o que o impedia de contorná-la, ou de sair por uma outra

porta, para ganhar os pastos novos, e se ele se afastava isso também não significava nada, pois não é apenas nas cidades que há matadouros, mas em toda parte, no campo também, qualquer açougueiro tem seu matadouro e o direito de matar, segundo suas necessidades. Mas seja por não ter entendido, seja por não querer responder, não respondeu, mas se foi sem uma palavra, sem uma palavra para mim quero dizer, pois falava com o cachorro que o escutava atentamente, as orelhas em pé. Fiquei de joelhos, não, assim não dá, fiquei em pé e observei a pequena caravana se afastar. Ouvi-o assobiar, o pastor, e vi que se desdobrava ao redor do rebanho, que sem ele teria sem dúvida caído no canal. Tudo isso através de uma poeira cintilante e logo também através dessa garoa que todo dia me entrega a mim mesmo e me vela o resto e me vela a mim mesmo. Os balidos enfraqueceram, seja porque as ovelhas estivessem menos inquietas, seja resultado do seu afastamento, ou talvez escutasse menos distintamente do que um pouco antes, o que me surpreenderia, pois ainda tenho o ouvido bastante apurado, apenas um pouco embotado pela madrugada, e se me acontece de não ouvir nada durante horas é por motivos que ignoro completamente, ou porque ao meu redor tudo fica realmente em silêncio, de tempos em tempos, enquanto para os justos os ruídos do mundo não cessam jamais. E aí está como começou esse segundo dia, a menos que fosse o terceiro ou o quarto, e foi um mau começo, pois fez despertar em mim uma perplexidade de fôlego, com relação ao destino daquelas ovelhas, entre as quais havia cordeiros, e me perguntava com frequência se tinham chegado bem a algum pasto comum ou caído, o crânio despedaçado, num entrechoque de patas magras, primeiro de joelhos, depois sobre o flanco lanoso, sob o cutelo. Mas também têm suas vantagens, as pequenas perplexidades. Que país rural, meu Deus, vêem-se quadrúpedes por toda parte. E